



CRISTINA
CAMPOS

Bolo de limão com sementes de papoula

**Alguns segredos são
persistentes e insistem em voltar
para desvendar o passado**

CRISTINA CAMPOS

Bolo
de limão
com sementes
de papoula

TRADUÇÃO
Carol Aquino



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022 © CRISTINA CAMPOS, 2016
© EDITORIAL PLANETA, S. A., 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **ARIADNE MARTINS**
Revisão **BÁRBARA PARENTE e THAÍS ENTRIEL**
Capa, projeto gráfico e diagramação: **VANESSA S. MARINE**
Imagens de capa e miolo ©**FREEPIK**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Campos, Cristina

Bolo de limão com sementes de papoula / Cristina Campos ; tradução de Carol
Aquino. — São Paulo : Faro Editorial, 2022.
288 p.

ISBN 978-65-5957-208-3

Título original: Pan de limón con semillas de amapola

1. Literatura espanhola 2. Drama I. Título II. Aquino, Caro

22-3042

CDD 860

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. LITERATURA ESPANHOLA



1ª edição brasileira: 2022

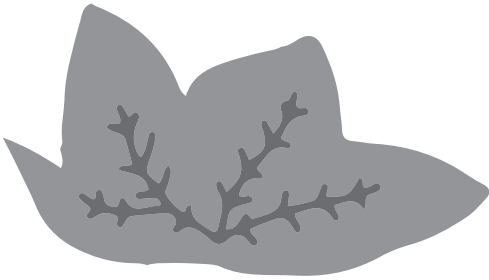
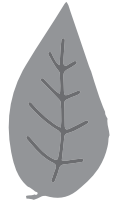
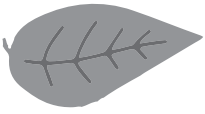
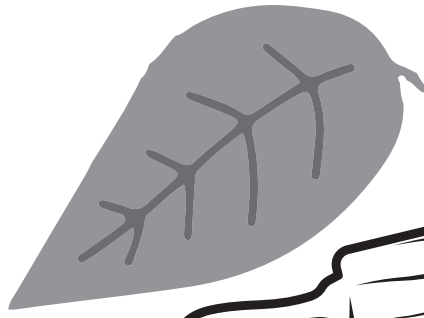
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br



Anna planejou seu funeral cuidadosamente. Foi o amante que, ao acariciar seu seio, encontrou o pedacinho da morte que a levaria para sempre um ano mais tarde. E, no último ano de sua existência, Anna finalmente assumiu o controle de sua vida.

Deixou tudo por escrito em uma carta que enviou à irmã, Marina, dias antes de morrer. Participariam de seu funeral apenas sua filha, seu ex-marido e um pequeno grupo de amigas. Iriam para um penhasco da serra de Tramuntana, na ilha de Maiorca, onde leriam as palavras que deixou escritas para todos eles, e depois jogariam suas cinzas ao mar.

Nenhum dos presentes nessa íntima cerimônia sabia por que Anna os havia reunido naquele lugar afastado do mundo. Mas todos estavam lá, realizando seu último desejo, no penhasco da ilha. Parecia que até o vento a havia escutado e soprava de forma suave, como ela gostaria. O mar estava calmo como um imenso lago.

Sua filha pegou a urna das mãos do pai e andou sozinha por alguns metros, procurando mantê-la ao seu lado por mais alguns segundos. Sentou-se à beira do penhasco e abraçou a urna. Fechou os olhos e permitiu que as lágrimas caíssem, pouco a pouco, sobre as cinzas da mãe.

Marina deu alguns passos em direção à sobrinha, mas não seguiu em frente. Baixou o olhar e continuou lendo as palavras que sua irmã lhe deixou antes de morrer.

Querida irmã, querida amiga

Gostaria que, a cada vez que pensasse em mim, em nós, você apagasse os últimos trinta anos de nossa vida e voltasse no tempo até o dia em que nos separaram. Porque foi assim que me senti. Você era minha irmã caçula, minha amiga, minha confidente, e achei que iria morrer de tristeza quando partiu, quase para sempre. Você tinha acabado de completar catorze anos. Nunca entendi por que a mandaram embora.

Quando você se foi, passei a recordar dos passeios no barco do papai com nostalgia. Você se lem-

bra do amor que ele sentia por aquele velho barco de madeira? Parecia que o amava mais do que a nós.

Ela olhou para o mar, o mesmo mar que as acolheu e as viu crescer. Deixou que a memória navegasse devagar até as lembranças de sua infância nesse velho barco entre as enseadas do norte da ilha. Sempre em busca das menores enseadas resguardadas pelo vento. Viu Anna sentada na proa do barco, jovem, frágil, a pele clara, usando um vestido de linho branco amarrado por alças fininhas formando um decote, marcando sua delicada figura. Seu cabelo loiro bagunçado pelo vento suave dos meses de verão na ilha. Ela gostava de esticar os braços e brincar com as pequenas ondas que colidiam com o casco do barco. Pegava água fazendo uma concha com a mão, para que pudesse abri-la lentamente e deixar que escorresse por entre os dedos. Várias vezes seguidas.

Naquele velho barco de madeira, falavam sobre a vida, riam, brigavam, se reconciliavam ou simplesmente deixavam as horas passarem em silêncio, embaladas pela brisa marinha, até que o pai voltasse com algum “tesouro” — como ele dizia.

Marina colocou a carta dentro do envelope e se lembrou do último passeio de barco que fizeram. Não teve nada de especial, nada memorável ou único. Simplesmente disseram as palavras que não costumam ser ditas entre duas irmãs. Foram os primeiros a tirar o barco do porto de Vallde-mossa. Navegaram procurando pela enseada mais vazia, alguma onde os turistas ainda não haviam chegado. Ancoraram em Deià, uma belíssima praia cercada por montanhas. Nestor lançou a âncora ao mar e levou segundos para mergulhar. As duas, juntas, estenderam a lona branca para se protegerem do sol.

— Faz uma trança no meu cabelo?

Marina se sentou no convés da proa. Tirou o elástico que prendia sua cabeleira preta e selvagem. Anna penteou o cabelo dela com os dedos. Dividiu os fios em três partes e os umedeceu com gotas do mar. Trançou devagarzinho. Estava se divertindo com cada movimento ao trançar o cabelo da irmã e, então, do nada, sentiu que nunca mais lhe faria um penteado, que nunca mais sairiam para navegar juntas. Temeu que nunca mais a visse. E as gotas do mar se fundiram com suas lágrimas no cabelo da irmã. Se olharam com tristeza, com os olhinhos cor de avelã que ambas herdaram do pai, um olhar que guardariam para sempre. E, finalmente, Anna falou

as três palavras que não costumam ser ditas entre irmãs. Sentou-se ao seu lado, apoiou a cabeça no ombro de Marina e disse:

— Eu te amo.



Marina colocou a carta no bolso da jaqueta. Observou a garotinha assustada que continuava abraçando as cinzas da mãe, chorando todas as suas lágrimas.

“Cuide de minha filha, eu lhe peço”, dizia a carta. “Ela está tentando se encontrar. Guie-a, por favor, nessa adolescência tão estranha.”

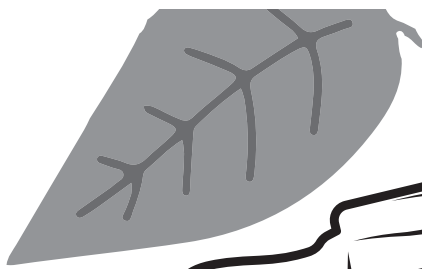
Caminhou até a sobrinha e sentou-se ao seu lado na beira do penhasco.

— Vamos nos despedir? — disse Marina, com voz suave.

A sobrinha concordou, acariciando devagarinho a urna, pela última vez.

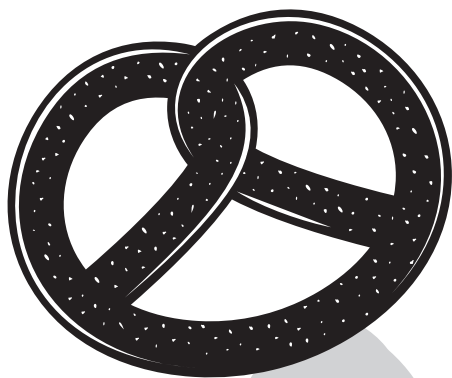
O barulho de uma moto de muitas cilindradas rompeu o silêncio. O sujeito parou o veículo, tirou as chaves do contato e desceu. Tirou o capacete e o apoiou no banco. Marina o observou. Parecia inseguro sobre como deveria agir. Pelo visto, ninguém o conhecia.

No mesmo instante, Marina soube quem era esse homem, aquele que ninguém esperava, o único que sabia o motivo. O motivo pelo qual Anna havia escolhido este lugar para se despedir das pessoas que amava. Do mundo. E dele.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FARO EDITORIAL



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2022

